

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: MA-002

Entrevistado: Emílio Fonseca Oliveira

Local da entrevista: Rua Mestre Nicanor, 125 – Centro – Mariana – MG

Data da entrevista: 23/03/2006

Horário da entrevista: 16h

Duração da entrevista: 55min30seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação das entrevistas:

Produtor: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Walfried Weissman (EMVIDEO)

Eletricista: Mauro Siqueira (EMVIDEO)

Motorista: Carlúcio (EMVIDEO)

Equipamento utilizado: Câmera Digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 24/04/2006

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 04/05/2006

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Keka Simões – Senhor Emílio, em primeiro lugar eu queria que o senhor nos dissesse seu nome completo.

Emílio Fonseca – Emílio Fonseca Oliveira.

Keka Simões – O senhor tem algum apelido?

Emílio Fonseca – Lili.

Keka Simões – Onde o senhor nasceu?

Emílio Fonseca – Bandeirantes, distrito de Mariana.

Keka Simões – Qual é a data de seu nascimento?

Emílio Fonseca – Oito de abril de 1929.

Keka Simões – Como se chamavam seus pais?

Emílio Fonseca – Pedro Fonseca e Rosaura José de Oliveira.

Keka Simões – Eles trabalhavam em quê?

Emílio Fonseca – Meu pai trabalhava na Rede¹ e minha mãe era só em casa.

Keka Simões – O que seu pai fazia na Rede?

Emílio Fonseca – Ele trabalhava na turma de conservação de linha.

Keka Simões – Quando criança, o senhor convivia na Estação em Bandeirantes?

Emílio Fonseca – Convivia.

Keka Simões – O senhor brincava lá?

Emílio Fonseca – Brincava.

Keka Simões – De que o senhor brincava?

Emílio Fonseca – Brincava de carrinho, de coisa... A plataforma era muito grande.

Keka Simões – O senhor ia aos vagões? Fazia alguma coisa proibida?

Emílio Fonseca – Não, lá quase não tinha vagão. Vagão que carregava lá era só carvão para Esperança².

Keka Simões – O senhor estudou lá?

Emílio Fonseca – Lá em Bandeirantes.

¹ O entrevistado refere-se à Estrada de Ferro Central do Brasil.

² Usina Esperança, antiga siderurgia localizada em Itabirito, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

Keka Simões – Como era a turma, a escola?

Emílio Fonseca – A escola era em conjunto, tanto o primeiro como o quarto ano. A professora dava aula para todos juntos. Cada hora ela dava para um.

Keka Simões – O senhor teve irmãos?

Emílio Fonseca – Tive.

Keka Simões – Quantos?

Emílio Fonseca – Oito irmãos.

Keka Simões – Em que eles trabalhavam?

Emílio Fonseca – Olha, tem um que é Capitão do Exército, mora em Itajubá³; outro foi jornalista do **Estado de Minas**⁴ – Milton⁵ – e mora em Belo Horizonte⁶; e o Messias⁷ trabalhava na Saramenha antiga⁸. Os homens são esses.

Keka Simões – E as mulheres trabalhavam fora?

Emílio Fonseca – Não. Todas domésticas.

Keka Simões – O senhor trabalhou em algum outro local antes de trabalhar na ferrovia?

Emílio Fonseca – Não.

Keka Simões – Quando o senhor começou a trabalhar na ferrovia?

Emílio Fonseca – Eu comecei a trabalhar em 1949.

Keka Simões – Em Bandeirantes?

Emílio Fonseca – Não, aqui em Mariana, reconstruindo a Ponte do Canela⁹ e assentando uma balança no pátio da Estação.

Keka Simões – Por que o senhor foi trabalhar na ferrovia?

Emílio Fonseca – Na época era o melhor lugar.

Keka Simões – Como o senhor conseguiu o emprego?

Emílio Fonseca – Na época, o trem pagador vinha do Rio¹⁰ para Ponte Nova¹¹ fazendo o pagamento do pessoal da Central¹². Aí o mestre-de-obra falou com o papai assim: “Ô Pedro, eu estou precisando de um pessoal para trabalhar de

³ Município de Minas Gerais.

⁴ Jornal.

⁵ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁶ Capital de Minas Gerais.

⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁸ Antiga fábrica de cerâmica saramenha.

⁹ Ponte localizada em Mariana.

¹⁰ Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, onde se localizava a sede da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, da antiga Estrada de Ferro Leopoldina.

¹¹ Município de Minas Gerais, onde terminava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹² Estrada de Ferro Central do Brasil.

operário em obra. Assim que acabar a obra, eles serão dispensados”. Aí eu fui dispensado, mas depois voltei como diarista. Fui preencher a vaga de um trabalhador de turma em Rio Acima¹³.

Keka Simões – O que é um trabalhador de turma?

Emílio Fonseca – É conservador da linha, não é?

Keka Simões – E depois?

Emílio Fonseca – Depois fui transferido para a Estação, comecei a prestar serviço na Estação de Miguel Burnier¹⁴. De Miguel Burnier eu vim para Mariana.

Keka Simões – Em Mariana, o que o senhor fazia?

Emílio Fonseca – Eu fazia manobra de trem, abria o sinal tanto de um lado quanto do outro. O trem chegava, a gente fazia as descargas (que eram aqui para Mariana) e também carregamento, porque aqui exportava. Havia um armazém de exportação e um armazém de importação.

Keka Simões – O senhor falou que abria para o trem chegar. Como é isso?

Emílio Fonseca – Era um sinal puxado por uma alavanca com um arame, que vinha no sinal ali.

Keka Simões – Alguém avisava para o senhor o momento...

Emílio Fonseca – O agente-de-estação¹⁵ avisava: “Trem tal assim, assim, assim, saiu de Passagem¹⁶”. Eu já tinha mais ou menos o cálculo de quanto tempo ele gastava, ia lá e abria o sinal. Da mesma forma com Ribeirão do Carmo¹⁷ e aqui. Se fosse de Ribeirão, eu ia para o lado de lá¹⁸.

Keka Simões – Nessa época o senhor morava perto da Estação?

Emílio Fonseca – Toda vida morei nesta casa, perto da Estação.

Keka Simões – Então, o senhor ia a pé?

Emílio Fonseca – Ia, ia.

Keka Simões – No caso dos funcionários que trabalhavam na manutenção da linha, como eles iam para o local de trabalho?

¹³ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁴ Distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁵ Profissional responsável pelas atividades relacionadas à venda de passagens.

¹⁶ Passagem de Mariana, distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁷ Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁸ No sentido contrário ao da chegada dos trens oriundos de Passagem de Mariana.

Emílio Fonseca – Geralmente, iam a pé; outra hora, eles empurravam um tal de trole¹⁹: uma mesa de madeira sobre quatro rodas, com a ferramenta e os outros pertences de que iam necessitar.

Keka Simões – Qual era o horário de trabalho do senhor?

Emílio Fonseca – Meu horário de trabalho era das sete às cinco horas da tarde.

Keka Simões – Quantos dias na semana?

Emílio Fonseca – Seis dias. Nós só tínhamos quatro dias de folga por mês.

Keka Simões – Tinha intervalo para o almoço?

Emílio Fonseca – Não, não. Só almoçava e tomava café no intervalo quando não tinha serviço lá.

Keka Simões – Então o senhor almoçava na Estação?

Emílio Fonseca – Na Estação.

Keka Simões – Quem fornecia o almoço?

Emílio Fonseca – Minha esposa levava para mim.

Keka Simões – O senhor tinha direito a férias?

Emílio Fonseca – Tinha, férias de 30 dias.

Keka Simões – Nas férias, nas folgas aos domingos, o que o senhor e sua família gostavam de fazer?

Emílio Fonseca – Ah, geralmente a gente ficava mais era em casa mesmo, para descansar.

Keka Simões – Os ferroviários se encontravam fora do serviço?

Emílio Fonseca – Encontravam-se.

Keka Simões – Onde vocês se encontravam?

Emílio Fonseca – Às vezes na Praça, no Jardim²⁰. Encontrávamos mesmo era na Estação. À tarde, você ia à Estação olhar a escala de serviço do outro dia. Se você chegasse lá, o quadro estaria marcando a tabela de folga. Você começava de Furquim²¹ a Vitorino Dias²² (quatro dias por mês em cada

¹⁹ Carro de apoio da ferrovia para conserto e conservação de estradas de ferro.

²⁰ Nome dado pelos moradores de Mariana à Praça Gomes Freire de Andrade.

²¹ Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

²² Estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Localizada entre a Estação de Passagem de Mariana e a de Ouro Preto.

Estação): era Furquim, Monsenhor Horta²³, Ribeirão do Carmo, Passagem de Mariana e Vitorino Dias.

Keka Simões – Vocês tinham algum tipo de benefício ou auxílio prestado pela Rede ou pela Central?

Emílio Fonseca – Não.

Keka Simões – Tinha algum tipo de assistência?

Emílio Fonseca – Não, hora extra, essas coisas, não. Só tinha médico, posto médico, não é?

Keka Simões – Vocês não precisavam pagar.

Emílio Fonseca – É.

Keka Simões – O senhor era subordinado a quem?

Emílio Fonseca – Ao chefe-de-estação²⁴.

Keka Simões – O senhor se lembra de outros cargos que existiam na ferrovia, tanto na linha quanto na Estação?

Emílio Fonseca – Na Estação, nós fazíamos manobras, púnhamos os vagões em ordem: primeiro a máquina, depois um vagão mais pesado. E por exemplo: vagão que ia ficar em Ouro Preto ia ligado à máquina, para não ter outra manobra lá, e assim por diante até chegar a Sabará²⁵.

Keka Simões – Além do manobreiro e do agente-de-estação, quem mais havia?

Emílio Fonseca – Tinha um guarda-armazém²⁶ e os auxiliares do chefe-de-estação, que eram os telegrafistas.

Keka Simões – O senhor se lembra mais ou menos do número de funcionários aqui existentes?

Emílio Fonseca – Na época, aqui devia ter 600, porque tinha o pessoal da oficina, pessoal de máquina, pessoal de estação e o pessoal da linha (conservador da linha).

Keka Simões – Havia algum tipo de regulamento que os funcionários tinham que seguir?

²³ Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

²⁴ Profissional responsável por coordenar as atividades realizadas em uma estação ferroviária.

²⁵ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

²⁶ Profissional responsável por fazer despachos e receber as mercadorias nos armazéns de exportação e importação.

Emílio Fonseca – Tinha.

Keka Simões – Como era? O senhor se lembra?

Emílio Fonseca – Lembro. Um sistema assim... Como se diz, de carrancismo. Nas horas vagas, você tinha que capinar a linha, limpar ao redor da Estação. Esse muro que tem aí, na Estação, foi feito por nós...

Keka Simões – Nas horas de folga?

Emílio Fonseca – É, na hora de folga.

Keka Simões – Se um funcionário não cumprisse com a sua obrigação, tinha alguma penalidade?

Emílio Fonseca – Era chamado atenção. O ex-chefe-de-estação, Joaquim Gomes, começou a mandar bilhetinhos, feito o Jânio Quadros²⁷. Juntamos a turma e fomos reclamar. Falamos: “Oh, quando você tiver que falar, mandar um recado, você vai lá ou manda seu contínuo avisar, porque você está parecendo Jânio Quadros agora!” Aí nós o apelidamos de Jânio Quadros.

Keka Simões – E ele parou com bilhetinho?

Emílio Fonseca – Parou.

Keka Simões – Os funcionários usavam algum tipo de uniforme?

Emílio Fonseca – Usavam.

Keka Simões – Como era esse uniforme?

Emílio Fonseca – Era camisa e calça azul e o boné azul.

Keka Simões – Tinha paletó?

Emílio Fonseca – Quem quisesse usar paletó usava, mas quem não quisesse podia ir com uma camisa mesmo.

Keka Simões – Todo mundo tinha esse mesmo uniforme?

Emílio Fonseca – Todo mundo.

Keka Simões – Quem fornecia o uniforme?

Emílio Fonseca – Cada um comprava o seu.

Keka Simões – E agora a Estação, Senhor Emílio. Como era o espaço físico da Estação? O que tinha ali?

²⁷ Político paulista que iniciou a carreira política pela UDN (União Democrática Nacional). Foi Prefeito de São Paulo, Governador do Estado de São Paulo e Presidente da República. Tornou-se lendária a forma pela qual ele fazia chegar às mãos de seus auxiliares as suas ordens – por intermédio de bilhetes manuscritos.

Emílio Fonseca – A Estação tinha a sala do telégrafo²⁸. O rapaz que trabalhava no telégrafo atendia passageiros para vender passagem. Ao lado, tinha um guarda-de-armazém, chamado compositor – fazia a composição dos trens.

Keka Simões – O guarda-de-armazém é que fazia?

Emílio Fonseca – Era. Fazia despacho de encomendas e volumes para fora.

Keka Simões – Quem mais?

Emílio Fonseca – Quem mais trabalhava lá?

Keka Simões – Isso era dentro da Estação?

Emílio Fonseca – Dentro da Estação.

Keka Simões – Os armazéns eram ali em volta?

Emílio Fonseca – Em volta. De um lado, exportação; do outro, importação. O de exportação, você carregava ali a mercadoria que era para sair, e o outro, o que recebia.

Keka Simões – O guarda era o responsável por esses armazéns?

Emílio Fonseca – O guarda de armazém.

Keka Simões – No caso do prediozinho da Estação, as pessoas da cidade podiam entrar e sair, ou o acesso era restrito?

Emílio Fonseca – Era restrito. A Estação era fechada de tela, com uma roleta ali no meio. Para ele entrar, tinha que pedir uma pessoa para abrir a roleta.

Keka Simões – Que tipo de mercadoria ou material era estocado no armazém de importação?

Emílio Fonseca – Geralmente, uma fábrica de colchão que tinha aqui, cama, móveis, mercadoria que o povo aí do município, como de Ribeirão, Monsenhor Horta, Furquim... Ficava ali para ir descendo no trem no outro dia, que era o misto.

Keka Simões – Como se chamava essa fábrica?

Emílio Fonseca – Fábrica São José²⁹.

Keka Simões – Ela vendia para fora daqui?

Emílio Fonseca – Vendia para fora.

Keka Simões – E no outro armazém, o que ficava estocado?

²⁸ Primeiro aparelho que permitiu a comunicação à distância através de fios e da eletricidade. A informação pode ser transmitida desde que se adote um código previamente estabelecido, tal como o Código Morse, nome dado em homenagem a seu inventor.

²⁹ Fábrica de Tecidos São José, localizada em Mariana.

Emílio Fonseca – Cimento, móveis de outros tipos, milho, feijão, tudo que chegava a Mariana era pela ferrovia.

Keka Simões – Pagava-se alguma taxa para usar esses armazéns?

Emílio Fonseca – Não. Pagava e não pagava. Pagava o frete.

Keka Simões – E qual era o horário de funcionamento desses armazéns?

Emílio Fonseca – Era das sete às cinco³⁰.

Keka Simões – Todos os dias?

Emílio Fonseca – Todos os dias.

Keka Simões – Inclusive domingo?

Emílio Fonseca – Não, domingo não.

Keka Simões – Tinha prazo para essas mercadorias ficarem lá estocadas?

Emílio Fonseca – Vinte e quatro horas.

Keka Simões – E se a pessoa não retirasse?

Emílio Fonseca – Pagava a estadia.

Keka Simões – Pagava para o chefe-de-estação?

Emílio Fonseca – Não, para o guarda-armazém.

Keka Simões – Quem fazia a segurança da Estação? Tinha algum tipo de segurança?

Emílio Fonseca – Não. No meu tempo, não. A segurança era feita por nós, guarda-chaves.

Keka Simões – O nome é muito bonito, mas o que fazia o guarda-chave?

Emílio Fonseca – Trocava o trem de uma linha para outra, virava aquela chave. Quando aqui chegava um trem que não ia prosseguir para Ponte Nova, o guarda-chave tinha que virar o trem para que ele voltasse para Ouro Preto.

Keka Simões – Quanto às casas de moradia pertencentes à ferrovia, o senhor sabe mais ou menos quantas havia aqui?

Emílio Fonseca – Aqui tinha a do feitor³¹, trabalhador, mestre-de-linha³² aqui... Quatro casas.

Keka Simões – Essas casas eram todas iguais?

Emílio Fonseca – É. Mesmo tipo, mesmo tipo.

Keka Simões – Quais funcionários podiam morar nessas casas?

³⁰ Das sete horas da manhã às 17 horas.

³¹ Profissional responsável por comandar cada equipe de trabalhadores da soca.

³² Profissional responsável por comandar as equipes de um determinado trecho.

Emílio Fonseca – Em uma só o chefe-de-estação; as outras eram de trabalhadores de turma e a outra era do encarregado da oficina. Ali dentro daquele galpão tinha oficina.

Keka Simões – Então, ele morava em uma dessas casas?

Emílio Fonseca – É, dessas casas.

Keka Simões – Esses funcionários pagavam aluguel?

Emílio Fonseca – Não, não pagavam, não.

Keka Simões – O senhor morou em alguma casa?

Emílio Fonseca – Não. Eu não tinha direito.

Keka Simões – Mas o senhor já entrou nelas...

Emílio Fonseca – Já.

Keka Simões – Como eram divididas?

Emílio Fonseca – Eram bem divididas: geralmente dois quartos, sala, copa, cozinha, banheiro.

Keka Simões – Tinha quintal?

Emílio Fonseca – Tinha quintal.

Keka Simões – Jardim?

Emílio Fonseca – Tinha.

Keka Simões – O senhor lembra o que o povo plantava?

Emílio Fonseca – Plantava muita rosa, essas coisas assim.

Keka Simões – E horta?

Emílio Fonseca – Tinha horta.

Keka Simões – Aqui tinha dormitório para os funcionários?

Emílio Fonseca – Tem. Tinha.

Keka Simões – Onde ele funcionava?

Emílio Fonseca – Ele funcionava onde ele está, ao lado da Estação. Um dormitório para umas 60 pessoas, mais ou menos. Vinha maquinista³³ de Lafaiete³⁴ com ajudante, com guarda-freio³⁵... Eles chegavam aqui e iam descansar. O pessoal daqui continuava a viagem, voltava, e eles entravam aqui. Chefe-de-trem, fiscal de trem, fiscal de máquina, todos esses tinham quarto no dormitório. Banheiro e chuveiro tinham 15.

³³ Profissional responsável por operar a locomotiva.

³⁴ Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Variante do Carandaí, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

³⁵ Profissional que vigia os freios dos carros nas linhas das ferrovias.

Keka Simões – Esses quartos eram divididos?

Emílio Fonseca – Eram divididos.

Keka Simões – Mas eram iguais?

Emílio Fonseca – Iguais.

Keka Simões – Mesma cama?

Emílio Fonseca – Mesma cama. Você trazia só a roupa de cama.

Keka Simões – Havia funcionários solteiros, daqui de Mariana, que moravam nesses dormitórios?

Emílio Fonseca – Não, não.

Keka Simões – O que tinha no quarto? Qual móvel?

Emílio Fonseca – Um guarda-roupa simples e uma cama.

Keka Simões – Existia algum regulamento para usar o dormitório?

Emílio Fonseca – O camarada tinha que estar em serviço.

Keka Simões – Tinha horário de entrar, de sair...

Emílio Fonseca – Não. Por exemplo, os maquinistas iam sair tal hora assim, assim. Nós, os guarda-chaves, íamos ao quarto e chamávamos: “Ô, Fulano! O trem está pronto. Está na hora de você ir embora”.

Keka Simões – Quem era responsável pela limpeza do dormitório?

Emílio Fonseca – Tinha um encarregado de limpeza. Chamava-se até Geovásio Cota.

Keka Simões – Vamos entrar, agora, no trem. Quais tipos de trens trafegavam neste trecho aqui?

Emílio Fonseca – O primeiro trem saía daqui para Belo Horizonte às cinco horas³⁶; o segundo trem, vindo de Belo Horizonte, chegava aqui ao meio-dia, dava o ponto do almoço e seguia para Ponte Nova. Assim vinha o SO4³⁷ que saía de Ponte Nova e chegava a Belo Horizonte às 11 horas³⁸, dando o ponto de jantar em Ouro Preto.

Keka Simões – O que esses trens transportavam?

Emílio Fonseca – Só pessoal.

Keka Simões – O senhor já falou um pouquinho de cada trem. Como era montada a composição?

³⁶ Cinco horas da manhã.

³⁷ Prefixo de um comboio.

³⁸ Vinte e três horas.

Emílio Fonseca – Primeiro vinha o carro de Correio³⁹, que carregava o Correio e alguma mercadoria de urgência. No segundo e no terceiro carros, vinha a segunda classe. O quarto e o quinto carros eram carros de primeira⁴⁰ e vinham na cauda.

Keka Simões – Por que vinham na cauda?

Emílio Fonseca – Geralmente, esses carros eram de mais conforto. Os carros de primeira são melhores do que os de segunda, porque nos de segunda tinha esses bancos aí⁴¹.

Keka Simões – E eles vinham depois...

Emílio Fonseca – Dos outros dois...

Keka Simões – Tinha algum motivo para estar nessa posição?

Emílio Fonseca – O motivo é especialidade.

Keka Simões – Quais funcionários viajavam no trem?

Emílio Fonseca – Era um chefe-de-trem, responsável pelo trem, e os ajudantes que recolhiam as passagens e faziam o carregamento das coisas que iam no carro do Correio para outra Estação.

Keka Simões – E o maquinista...

Emílio Fonseca – E o ajudante.

Keka Simões – Em qual carro ficava o chefe-de-trem?

Emílio Fonseca – No carro do Correio, que era dividido em quatro partes: na cabeceira o Correio – chegava à Estação e recebia as malas de Correio – e o meio era para carregamento de mercadoria.

Keka Simões – Como eram as locomotivas? Que combustível elas utilizavam?

Emílio Fonseca – As locomotivas usavam carvão especial de Santa Catarina. As locomotivas eram a vapor, tocadas à água e carvão.

Keka Simões – Antes, o senhor me falou a respeito do nome delas. Qual era?

Emílio Fonseca – Da 1511, eu me lembro muito dela. Era uma máquina muito bonita.

Keka Simões – Por que bonita?

³⁹ Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

⁴⁰ Primeira classe.

⁴¹ Refere-se a um banco de madeira em que a entrevistadora se encontrava sentada.

Emílio Fonseca – Bonita porque ela era muito conservada e tinha muito amarelo. O camarada era tão caprichoso que andava com aqueles amarelos sempre limpos!

Keka Simões – Que camarada?

Emílio Fonseca – O maquinista e o ajudante.

Keka Simões – Limpavam-na bem.

Emílio Fonseca – Limpavam bem.

Keka Simões – Além dessa, de qual outra o senhor se lembra?

Emílio Fonseca – Essas máquinas a óleo diesel. Teve muito trem com máquina a óleo diesel.

Keka Simões – Essas locomotivas tinham algum nome ou apelido que o pessoal da Estação colocava?

Emílio Fonseca – Não. Santa Fé⁴² era o nome dela mesmo. Ela era uma máquina grande e de muita potência. E tinha a Tescha⁴³, com um tipo de funcionar diferente das outras.

Keka Simões – O senhor sabe como era?

Emílio Fonseca – Não, não, não. Isso aí eu não sei.

Keka Simões – Os senhores não punham nenhum apelido nelas, não?

Emílio Fonseca – Não. Sempre falava assim: “O Santa Fé vem aí hoje! Pode ser... É bom não descarrilar em tal lugar assim, assim...” Porque ela era muito pesada.

Keka Simões – O senhor falou do vagão de passageiro, do trem que trazia uma encomenda mais rápida. Havia trem só de carga?

Emílio Fonseca – Só de carga, só de carga.

Keka Simões – Como eram esses vagões?

Emílio Fonseca – Esses vagões eram fechados, como vagão de açúcar, carvão e outras mercadorias, como pedra etc. Na cauda vinham uns vagões chamados fuero...

Keka Simões – Fuero?

Emílio Fonseca – Fuero. Eles traziam aquelas toras de madeira que vinham lá de São Pedro dos Ferros⁴⁴ e iam para aquela Serraria Souza Pinto, em Belo

⁴² Nome dado a uma locomotiva movida a vapor.

⁴³ Nome sujeito à confirmação.

⁴⁴ Município de Minas Gerais.

Horizonte. Os vagões vinham na cauda – em um caso de acidente, aquelas toras não cairiam na linha.

Keka Simões – Essas toras de madeira vinham em um vagão aberto?

Emílio Fonseca – Vagão aberto e na cauda.

Keka Simões – O senhor já falou que o banco do carro de primeira classe era diferente do banco do carro de segunda classe. Havia alguma outra diferença entre esses dois tipos de carros?

Emílio Fonseca – Não, diferença nenhuma. Era tudo igual. Só que o de primeira classe era forrado, mais macio, não é?

Keka Simões – E tinha sanitário, por exemplo?

Emílio Fonseca – Todos eles tinham.

Keka Simões – Quando e como era feita a limpeza dos carros e dos vagões?

Emílio Fonseca – Era feita pelo funcionário que trabalhava na Estação como contínuo do agente.

Keka Simões – Toda vez que o trem chegava ele fazia a limpeza?

Emílio Fonseca – Ia até a caixa d'água, punha aquela mangueira e dava aquela descarga, porque era muita água, não é? E lavava todos os vagões.

Keka Simões – A caixa d'água ficava...

Emílio Fonseca – Ao lado da Estação, onde está.

Keka Simões – Quais sinais indicavam que o trem estava chegando e que o trem estava partindo?

Emílio Fonseca – A licença era dada pelo aparelho Morse. Então o agente da outra Estação, como a de Passagem, pedia licença para cá, e o agente daqui concedia a licença do trem. Assim ele fazia daqui para Ribeirão: ele pedia para Ribeirão e o agente de lá concedia.

Keka Simões – E além do telégrafo, tinha algum barulho, algum sinal para as pessoas saberem que o trem estava chegando?

Emílio Fonseca – Geralmente ele apitava longe. Aí o povo já estava sabendo o horário, vinha para a Estação ou já estava na Estação.

Keka Simões – Então os moradores entendiam...

Emílio Fonseca – Entendiam, sabiam. O povo já estava sabendo o horário dele. Tinha um horário. Quando tinha atraso, punha lá no quadro: “Trem de Fulano de Tal está atrasado tantas horas ou tantos minutos”.

Keka Simões – Existia algum sinal ou código próprio de um maquinista, que outras pessoas sabiam que era ele quem estava conduzindo o trem?

Emílio Fonseca – Não. Só pela escala sabia-se que era Fulano de Tal que lá ia.

Keka Simões – No caso do trem de carga, que não tinha um horário, era pelo telégrafo que se avisava?

Emílio Fonseca – Era.

Keka Simões – Que tipo de problema ou acidente podia acontecer com o trem ou com a linha?

Emílio Fonseca – Podia acontecer o seguinte: às vezes, o trem descarrilava – a linha abria, o trem vinha e caía. Outras vezes, como aconteceu em Hargreaves⁴⁵ onde trabalhei, um maquinista passou lá de manhã com uma máquina vaporosa, e veio aqui buscar uma máquina diesel – eu lembro o nome dela, era 4856 – que estava trabalhando no lastro⁴⁶, fazendo serviço de aterro, limpeza na linha. Esse maquinista veio trazer a vaporosa para levar a outra. Mas ele não tinha muito trato de trabalhar com máquina a diesel. Chegando ao alto Dom Bosco⁴⁷ – eu trabalhava na Estação de Hargreaves –, a máquina disparou com 22 vagões! Aquilo foi tombando, tombando, tombando... E lá na Estação só passaram a máquina e um carro. O maquinista estava no estribo do vagão e o ajudante, na máquina. Logo na chave de baixo, na chave de entrada que vira para um lado e para o outro, o ajudante caiu junto com a máquina, e o maquinista continuou na linha, andou dois quilômetros. Aí o vagão capotou e jogou o maquinista a uma distância de 50 metros. Chamava-se Deosdedt⁴⁸.

Keka Simões – O senhor falou de descarrilamento, que parece ser um problema mais comum, não é? Por que o trem descarrilava?

Emílio Fonseca – Descarrilava porque uma hora a linha estava um pouco aberta...

Keka Simões – O que é uma linha aberta?

⁴⁵ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada entre Ouro Preto e Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto.

⁴⁶ Trem em serviço das estradas de ferro no transporte de pedras britadas, cascalho ou saibro para lastro das linhas e também outros materiais de via.

⁴⁷ Colégio Dom Bosco, localizado em Cachoeira do Campo, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁴⁸ Nome sujeito à confirmação.

Emílio Fonseca – Às vezes, a pregação da linha abria e a máquina vinha e descia ali.

Keka Simões – Além de descarrilamento, qual outro tipo de problema podia parar um trem, por exemplo?

Emílio Fonseca – Por exemplo, a vaporosa sempre parava, porque não estava boa de vapor. Ela parava para limpar aquele fogo e fazer outro fogo, porque estava assim cheia de crosta, não é? Então, fazia a limpeza e a abastecia de novo.

Keka Simões – Como se fazia a segurança da linha para, por exemplo, as pessoas não ficarem andando na linha? Isso era um problema?

Emílio Fonseca – Era problema. Tinha placa proibindo. Mas geralmente encontrava gente andando pela linha.

Keka Simões – E aí o trem fazia o quê?

Emílio Fonseca – Passava. O sujeito encostava do lado assim e dava para passar, perfeitamente.

Keka Simões – Em alguma época do ano ocorriam mais problemas ou acidentes?

Emílio Fonseca – Geralmente, tempo de chuvas, não é?

Keka Simões – Por quê?

Emílio Fonseca – A linha... A terra fica meio mole. Aí dá mais acidente.

Keka Simões – Algum trecho da estrada era mais perigoso ou dava mais acidente?

Emílio Fonseca – O trecho pior que nós tínhamos era entre Felipe dos Santos⁴⁹ e Cônego Luiz Vieira⁵⁰ – tinha uma terra molhada.

Keka Simões – Então, esse era o trecho perigoso?

Emílio Fonseca – Era.

Keka Simões – O senhor antes estava me contando a respeito de uma locomotiva que ia até um determinado ponto e não conseguia... O senhor podia contar de novo para a gente?

Emílio Fonseca – Ela não tinha vapor suficiente para arrancar o trem.

Keka Simões – Qual era essa máquina?

⁴⁹ Distrito de Congonhas do Campo, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁵⁰ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Barro Branco, distrito de Mariana.

Emílio Fonseca – 1174, parece. Essa sempre tinha que parar. Nessa rampa daqui para Passagem tinha uma caixa d'água, lá em cima. Ela parava justamente na caixa d'água. Ela abastecia de água e fazia novo fogo; o ajudante jogava mais carvão e passava uma lança, porque estava empedrado o carvão.

Keka Simões – Quando acontecia algum problema com o trem ou com a linha, como se avisava a Estação?

Emílio Fonseca – Geralmente, o maquinista tinha um aparelho com dois fios e passava a linha do telégrafo. Ele engatava aquilo – chamava-se seletivo – e falava com o despachador (em Belo Horizonte), controlador de vagão, e com o agente-de-estação, dizendo que estava no quilômetro tal, que tinha acontecido isso e isso e que estava precisando de socorro. Aí ia o socorro.

Keka Simões – Como o socorro chegava? Como era feito esse socorro?

Emílio Fonseca – Esse socorro era feito com o pessoal da oficina. Eles iam com macaco, toda ferramenta necessária para pôr a máquina na linha.

Keka Simões – Como eles chegavam até lá?

Emílio Fonseca – Em outro trem. Uma máquina ia levando até lá.

Keka Simões – No caso de ter acontecido isso com um vagão de passageiro e no caso do conserto demorar, o que era feito?

Emílio Fonseca – Se demorasse, tinha baldeação: vinha outro trem com tantos vagões para baldear.

Keka Simões – Quem fazia as vistorias e as inspeções na linha e no trem, para ver se estava tudo correto?

Emílio Fonseca – No trem, quem fazia era um pessoal chamado consertador, uma equipe separada da oficina. Quando era defeito em uma máquina, aí já ia para oficina, que tirava o defeito.

Keka Simões – Onde ficava a oficina?

Emílio Fonseca – Naquele galpão ali na Estação.

Keka Simões – Aqui em Mariana?

Emílio Fonseca – É, em Mariana.

Keka Simões – Tinha inspeção de fora?

Emílio Fonseca – Tinha. Tinha um fiscal que, às vezes, viajava no trem.

Keka Simões – De onde era esse fiscal?

Emílio Fonseca – Do Horto Florestal⁵¹.

Keka Simões – Avisava-se que ia ter inspeção?

Emílio Fonseca – Não, não. Ele vinha assim clandestino, para apanhar alguma coisa.

Keka Simões – O senhor se lembra de algum caso que tenha acontecido com alguma pessoa na linha?

Emílio Fonseca – Quando estava trabalhando em Itabirito, eu fui daqui para lá fazer o pernoite. Entrava às 19 horas. Cheguei lá e achei uma novidade: o guarda-chave que estava trabalhando antes de mim, durante o dia, tinha vindo do quilômetro da MBR⁵² empurrando os vagões e os vagões vieram em cima de outros vagões, porque não tinha virado a chave. No choque, ele caiu entre os vagões, decepou o pescoço e a perna. Morreu na hora!

Keka Simões – Para a manutenção da linha tinha uma equipe especial...

Emílio Fonseca – Especial.

Keka Simões – Essa função recebia nome específico?

Emílio Fonseca – Trabalhador da conserva. E tinha outra turma – chamada carvoeiro – que fazia o abastecimento da máquina: jogava o carvão na máquina e a abastecia de areia e de carvão.

Keka Simões – Na Estação, quais pessoas ficavam esperando a chegada do trem?

Emílio Fonseca – Eu e outros companheiros.

Keka Simões – E morador da cidade, quem costumava ir à Estação? Por exemplo, havia algum tipo de profissional ou alguém que precisava estar sempre ali, na Estação?

Emílio Fonseca – Iam pessoas para comprar jornal, porque tinha o jornaleiro no trem, não é?

Keka Simões – No trem?

Emílio Fonseca – É. A pessoa ia comprar um jornal, uma revista.

Keka Simões – Era o único lugar que vendia?

Emílio Fonseca – Vendia, o único lugar.

⁵¹ Estação ferroviária pertencente ao Ramal de Belo Horizonte, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada no bairro de mesmo nome, em Belo Horizonte.

⁵² Minerações Brasileiras Reunidas, empresa dedicada à mineração e processamento de minério de ferro. Atualmente pertence à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Itabirito.

Keka Simões – Olha só! Nessa questão de esperar chegar o trem, quem ia receber mercadoria, [inaudível]. Como essas pessoas retiravam e levavam a mercadoria?

Emílio Fonseca – O transporte era feito em carroças, várias carroças. Pegava, levava para o Colégio Providência⁵³, para aqui, para ali. No dia em que vinham as moças para estudar no Colégio Providência, a carroça ia cheia de malas.

Keka Simões – Para levar para o Colégio.

Emílio Fonseca – Para o Colégio.

Keka Simões – Quando alguém ia viajar, onde esse passageiro se despedia das pessoas?

Emílio Fonseca – Na plataforma. Logo que passasse da roleta para dentro, ele não entrava, não. Ele ia até a roleta. Cá na roleta, ele voltava.

Keka Simões – Por que não podia passar?

Emílio Fonseca – Senão tinha que pagar ingresso, não é?

Keka Simões – Para entrar ali tinha que pagar.

Emílio Fonseca – É, tinha que pagar.

Keka Simões – O preço do bilhete era caro? O senhor lembra?

Emílio Fonseca – Era baratíssimo.

Keka Simões – No caso do senhor e de sua família viajarem...

Emílio Fonseca – Ah! Nós viajamos muitas vezes daqui para Belo Horizonte. Mas tínhamos 75% de abatimento na passagem.

Keka Simões – E tinha diferença de preço entre a primeira classe e a segunda classe?

Emílio Fonseca – Tinha diferença.

Keka Simões – Quem vendia as passagens?

Emílio Fonseca – Era o agente de movimento.

Keka Simões – Onde elas eram vendidas?

Emílio Fonseca – Naquela bilheteria que tem ao lado da roleta.

Keka Simões – Só ali?

Emílio Fonseca – Só ali.

Keka Simões – Não tinha jeito de pagar no trem?

Emílio Fonseca – Não.

⁵³ Colégio Providência, mantido pela ordem religiosa Companhia das Filhas da Caridade, localizado em Mariana.

Keka Simões – Dentro do trem, quem era responsável pela conferência das passagens?

Emílio Fonseca – Era o chefe-de-trem. Ele tirava passagem no trem, mas com multa.

Keka Simões – Com multa?

Emílio Fonseca – É. Tinha passageiro sem passagem dentro do trem, ele pagava com multa.

Keka Simões – O trem só pegava passageiros na Estação ou também em outros locais?

Emílio Fonseca – Não, só na Estação.

Keka Simões – Nas paradas...

Emílio Fonseca – Nas paradas, parava.

Keka Simões – Onde ficavam essas paradas?

Emílio Fonseca – Nós temos umas aqui em Lavras Velhas⁵⁴, outra em... Como que chama lá... Elza⁵⁵ até desceu um dia nessa parada. Parada do Castro⁵⁶. Ela ia me visitar quando eu trabalhava na Estação do Castro⁵⁷. Na Estação, não é na Parada. Ela foi um domingo para ficar lá comigo. Chegou à Parada do Castro, o chefe gritou: “Castro de Cima!” Ela desceu. Ainda faltavam Furquim e Acaiaca⁵⁸ para chegar à Estação de Castro.

Keka Simões – E aí, como ela fez?

Emílio Fonseca – Estavam cruzando os dois trens em Furquim; ela voltou no trem que estava vindo de Ponte Nova.

Keka Simões – A parada tinha uma construção, uma casinha?

Emílio Fonseca – Tinha um telhado, uma plataforma para ficar da altura do vagão. E tinha a Parada de Lavras Velhas e uma lá de Goiabeira⁵⁹, daqui para Ponte Nova.

Keka Simões – Existia algum regulamento para os passageiros do trem?

Emílio Fonseca – Não, regulamento não tinha, não.

⁵⁴ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁵⁵ Esposa do entrevistado.

⁵⁶ O entrevistado equivocou-se quanto ao nome. O correto é Parada do Crasto.

⁵⁷ Estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Localizada em Acaiaca, município de Minas Gerais.

⁵⁸ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁵⁹ Parada localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Acaiaca.

Keka Simões – E tinha algum tipo de comércio dentro do trem?

Emílio Fonseca – Tinha um *buffet* que vinha de Belo Horizonte a Ponte Nova e voltava.

Keka Simões – Esse *buffet* era para os passageiros?

Emílio Fonseca – Era, ele vendia para os passageiros. Esse aí já não era da Rede, era particular.

Keka Simões – Além desse *buffet*, outras pessoas vendiam alguma coisa?

Emílio Fonseca – Geralmente, nessas estaçõezinhas tinha gente que vendia queijo, pastel. Entrava no trem e ia até a outra Estação vendendo. Tinha outro trem para voltar, não é? Eles iam e voltavam.

Keka Simões – Como essas pessoas transportavam suas mercadorias?

Emílio Fonseca – Transportavam em um balaio.

Keka Simões – Todo mundo comprava?

Emílio Fonseca – Você se lembra de um conhecido nosso aqui, o Teteco do Eldorado⁶⁰? Já morreu. O princípio da vida dele foi andar no trem, de Furquim a Acaiaca, vendendo pastel. Lá, cruzavam os dois trens. Ele ia e voltava no outro trem.

Keka Simões – Eu não sabia disso. Tinha algum tipo de reclamação que os passageiros faziam em relação ao trem?

Emílio Fonseca – Não.

Keka Simões – Em quais dias da semana havia mais movimento na Estação?

Emílio Fonseca – Geralmente, domingo e sábado.

Keka Simões – Por quê?

Emílio Fonseca – Porque o pessoal que ia para os municípios, para esses distritos, ia de trem para não ir a pé.

Keka Simões – Pessoas iam apenas passear na Estação?

Emílio Fonseca – Tinha. Estação que não era fechada o pessoal freqüentava muito.

Keka Simões – Olha só! Agora, em alguma época do ano aumentava o número de passageiros?

Emílio Fonseca – No 14 de setembro, dia do Senhor Bom Jesus, corriam especiais, com essa [Malé]⁶¹, que é uma máquina possante. Ela sempre ia

⁶⁰ Supermercado Eldorado, localizado no centro de Mariana.

⁶¹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

buscar os passageiros em Ponte Nova. Ia de Ponte Nova a Joaquim Murtinho⁶² que é perto de Congonhas⁶³. Lá em Congonhas é só bitola larga. Então ela ia até ali, os passageiros vinham, passavam para o trem de bitola estreita (um metro), e ela voltava outra vez com os passageiros. Geralmente eram 14, 15 carros de passageiros.

Keka Simões – Alguma outra data, alguma outra época?

Emílio Fonseca – Não, só essa época de 14 de setembro.

Keka Simões – Início de ano?

Emílio Fonseca – Não, não. Só essa época.

Keka Simões – Havia passageiros que criavam algum tipo de dificuldade no trem?

Emílio Fonseca – Uns passageiros, que entravam nas paradas, não tinham passagem. O chefe cobrava a passagem: uns queriam pagar, outros não. Aí dava aquele tema!

Keka Simões – Como se resolvia o problema?

Emílio Fonseca – Ia até o destino, onde o chefe entregava ao agente-de-estação que ficava responsável por aquela cobrança.

Keka Simões – Quando o senhor viajava de trem, existia algum trecho ou paisagem de que o senhor mais gostava?

Emílio Fonseca – Tinha. Era aqui no alto de Santo Antônio⁶⁴ e lá no alto de Dom Bosco, que é o lugar mais alto do nível do mar.

Keka Simões – E é bonito?

Emílio Fonseca – É bonito. Você via o Colégio Dom Bosco.

Keka Simões – E aqui no Santo Antônio?

Emílio Fonseca – Aí você via a paisagem desse terreno aí.

Keka Simões – E aqui em volta da Estação, como era? Tinha muito movimento? Tinha comércio?

Emílio Fonseca – Não. Tinha a Fábrica de Tecidos⁶⁵ logo ali em frente à Estação, não é? Tinha uma linha que ia para a Fábrica: a gente desviava o

⁶² Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁶³ Congonhas do Campo, município de Minas Gerais, onde ocorre o Jubileu de Nosso Senhor do Bom Jesus do Matozinhos, em setembro.

⁶⁴ Morro de Santo Antônio, localizado em Passagem de Mariana.

⁶⁵ Fábrica de Tecidos São José.

vagão e eles descarregavam o vagão de algodão. Era o movimento que tinha mais, porque, na minha época, não havia essas casas todas aqui, não.

Keka Simões – Tinha algum hotel, algum restaurante?

Emílio Fonseca – Tinha uma pensão onde hoje começa a Monsenhor Horta⁶⁶.

Keka Simões – Restaurante tinha?

Emílio Fonseca – Tinha, tinha.

Keka Simões – Essa pensão atendia mais o pessoal em viagem?

Emílio Fonseca – É, pessoal viajando.

Keka Simões – O senhor se lembra do trem trazer alguma personalidade ou autoridade?

Emílio Fonseca – Não lembro, não.

Keka Simões – Para algum evento na Estação ela foi enfeitada, e a banda de música tocou?

Emílio Fonseca – Não lembro, não. Porque... Juscelino Kubitschek⁶⁷... Aquele menino... Não lembro, não.

Keka Simões – Alguma festa especial era feita pelos ferroviários?

Emílio Fonseca – A Festa de Santa Efigênia. Na escala tinha uma imagem de Santa Efigênia e todo mundo era devoto de Santa Efigênia. Então, no dia de Santa Efigênia, tinha a procissão só dos ferroviários.

Keka Simões – De onde a procissão saía?

Emílio Fonseca – Saía da escala, percorria o centro e voltava para o destacamento⁶⁸. Essa imagem foi doada para a Igreja do Rosário⁶⁹.

Keka Simões – E tinha missa?

Emílio Fonseca – Tinha, celebrava-se missa lá.

Keka Simões – Tinha banda na procissão?

Emílio Fonseca – Tinha.

Keka Simões – Qual é o dia de Santa Efigênia? O senhor lembra?

Emílio Fonseca – Eu sei que é mês de setembro, mas não sei o dia⁷⁰.

Keka Simões – Outra data era comemorada pelos ferroviários? Eles se reuniam para comemorar alguma coisa em outra época do ano?

⁶⁶ Rua Monsenhor Horta, no centro de Mariana.

⁶⁷ Juscelino Kubitschek de Oliveira foi Governador de Estado de Minas Gerais (1951-1955) e Presidente da República (1956-1960).

⁶⁸ Grupo de funcionários destacados para as atividades de cada turno.

⁶⁹ Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, localizada no bairro de mesmo nome, em Mariana.

⁷⁰ No dia 21 de setembro, comemora-se o dia de Santa Efigênia.

Emílio Fonseca – Reunia muito porque ferroviário foi sempre meio jogador. Então tinha um cunca, tinha muito jogo lá.

Keka Simões – Cunca?

Emílio Fonseca – É.

Keka Simões – É um jogo?

Emílio Fonseca – É jogo de baralho. Como aqui⁷¹ era a sede dos ferroviários – essa casa do meu lado aqui –, a jogatina era a noite inteira!

Keka Simões – Ia todo mundo jogar?

Emílio Fonseca – Todo mundo. Quem gostava ia.

Keka Simões – O senhor ia?

Emílio Fonseca – De vez em quando, eu ia.

Keka Simões – Então o povo gostava era do carteadado?

Emílio Fonseca – Era.

Keka Simões – Esporte, não?

Emílio Fonseca – Não. Juntava o povo do Horto, de Lafaiete, Ponte Nova. Então, uns gostavam, outros não; quem não gostava ficava no dormitório.

Keka Simões – Quando o senhor parou de trabalhar na ferrovia?

Emílio Fonseca – Eu parei em 1980.

Keka Simões – Por que o senhor parou?

Emílio Fonseca – Aposentei. Eu estava com 33 anos e 11 meses de contribuição, e eles deram seis salários para quem quisesse sair. Eu preferi pegar os seis salários a trabalhar os 35 anos.

Keka Simões – O senhor se lembra de algum outro caso ou de alguma outra história, engraçada ou triste, sobre o trem ou o serviço na Estação?

Emílio Fonseca – Não.

Keka Simões – Quando a ferrovia parou de funcionar, o que isso significou para o senhor?

Emílio Fonseca – Para mim não foi assim assustador, porque eu já tinha sido... Quando eles iam entregar o trecho de Miguel Burnier a Ponte Nova para a Leopoldina⁷², eu fui transferido daqui para Itabirito. O nosso escalante em Belo Horizonte, José Ferreira, escolheu três manobreiros para irem para esse lugar que estava dando muito serviço. Ao passar lá em Itabirito, o agente

⁷¹ Indicando local próximo à sua casa.

⁷² A Estrada de Ferro Leopoldina encampou este trecho na década de 1970.

Antônio Simões falou assim: “Oh, se você for tirar gente de Mariana, eu quero o Seu Emílio Fonseca aqui comigo”. Eles chegaram aqui e já deram a ordem para me apresentar lá no outro dia. Tanto que eu não trabalhei aqui com a Leopoldina. A Leopoldina destruiu a Estação.

Keka Simões – É mesmo?

Emílio Fonseca – É.

Keka Simões – Por que destruiu?

Emílio Fonseca – Fizeram tanta coisa! As valas (aonde o vagão chegava para ser consertado) ficaram entupidas. Tirou o torniquete.

Keka Simões – O que é torniquete?

Emílio Fonseca – O torniquete é a roleta por onde o pessoal passa.

Keka Simões – Como era a Estação, a pintura da Estação?

Emílio Fonseca – A pintura, eu não lembro se ela era palha – assim como é minha casa – ou se era amarela. Eu só lembro que o rosto dessa senhora tinha cabelo vermelho e uma pintura verde claro e essa... Essa fisionomia eu não estou vendo mais.

Keka Simões – Onde ela ficava?

Emílio Fonseca – Naquela torre lá em cima, onde tem um óculo grande. Por esses dias, fui lá e falei com a engenheira responsável pela pintura da Estação – ela está lá com o andaime – se ela podia fazer uma raspagem para ver se a pintura estava lá por baixo.

Keka Simões – Tem alguma outra coisa que o senhor acha importante falar sobre a estrada de ferro e que eu não perguntei?

Emílio Fonseca – Estrada de ferro?

Keka Simões – É. O senhor quer contar mais alguma coisa?

Emílio Fonseca – Não, não sei, não sei. Não sei mais nada, não.

Keka Simões – Eder, você tem alguma pergunta?⁷³ Senhor Emílio, muito obrigada pela entrevista.

Emílio Fonseca – Sempre às ordens, Keka. De nada.

Keka Simões – Vai ser ótima para o nosso projeto.

Emílio Fonseca – Muito obrigado.

Keka Simões – Obrigada ao senhor.

⁷³ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.

[Término da entrevista]